



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**A RECEPÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO MOVIMENTO DA RENOVAÇÃO
CARISMÁTICA CATÓLICA NA CIDADE DE ALAGOA GRANDE/PB (1992- 2022)**

JOANA D'ARC DO NASCIMENTO LIRA

CRISTO VIDA
GRUPO DE ORAÇÃO RCC - DESDE 1992
Área Pastoral de São José

CAMPINA GRANDE

2023

JOANA D'ARC DO NASCIMENTO LIRA

A RECEPÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO MOVIMENTO DA RENOVACÃO
CARISMÁTICA CATÓLICA NA CIDADE DE ALAGOA GRANDE/PB (1992- 2022)

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande - Campus I, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. José Otávio Aguiar.

Co-orientador: Prof. Dr. José Pereira de Souza Júnior.

CAMPINA GRANDE

2023

JOANA D'ARC DO NASCIMENTO LIRA

A RECEPÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO MOVIMENTO DA RENOVACÃO
CARISMÁTICA CATÓLICA NA CIDADE DE ALAGOA GRANDE/PB (1992- 2022)

Monografia avaliada em _____ de _____ de 2023, com nota _____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Otávio Aguiar - Orientador
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior - Co-orientador / Examinador Externo
Universidade de Pernambuco (UPE)

Profa. Dra. Regina Coeli Gomes do Nascimento - Examinadora Interna
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

CAMPINA GRANDE

2023

DEDICATÓRIA

À minha voinha Maria (in memoriam), eternas saudades.

Ao meu companheiro, Felipe Cardoso.

E ao meu filho Bernardo que carrego em meu ventre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado sabedoria e ciência para poder concluir esse curso, mesmo mediante a tantos embates.

Aos meus pais, Edilson e Socorro; e aos meus irmãos, Tati e Guiguinho, por todo apoio durante toda minha caminhada, em especial à mainha, que no início do curso, quando ainda trabalhava, levava minha janta no ponto do ônibus, demonstrando todo seu afeto e cuidado para comigo. Fase bastante corrida e desafiadora em que eu saía direto da empresa para o ponto de ônibus.

Agradeço a Aline, Ananda e Eduarda, que tornavam as vindas para Campina Grande mais leve, compartilhando das angústias e encorajando sempre.

Ao meu companheiro Felipe Cardoso, pessoa que o curso de História me presenteou, me apoiando e incentivando sempre.

A Belle e Bebel, pelas risadas e apoio nos momentos mais tensos que a trajetória acadêmica nos propicia, assim, nos fortalecendo e encorajando para ninguém desistir. Amizade que desejo que permaneça para além do curso.

Ao meu orientador e coorientador, por todo apoio e contribuições, que foram divisores de água para a produção deste trabalho de conclusão de curso, sem eles meu trabalho não teria sido concluído; agradeço também por toda compreensão e incentivo, me fazendo acreditar que seria possível.

Estendo também meus agradecimentos à professora Regina, que sempre muito humana encoraja e incentiva seus alunos a conquistarem seus objetivos e sonhos, e pelo seu apoio em minha banca como avaliadora. Agradeço também a todas e todos os professores que contribuíram em minha formação. Meus agradecimentos.

E obrigada a todos os colaboradores: Dna. Maria, Geusa, Genes, Mel Duarte, Padre Reinaldo e Padre Rui, pois contribuíram de forma significativa para a produção do meu texto.

E por último, e não menos importante, a meus amigos Mel Duarte e Júnior Nogueira, pela amizade e por vibrarem sempre de forma recíproca por minhas conquistas.

RESUMO

A presente monografia analisa a recepção e consolidação da Renovação Carismática Católica (RCC) em Alagoa Grande/PB, no recorte proposto entre 1992 e 2022, com foco no Grupo Cristo Vida. Para tanto, as fontes utilizadas baseiam-se de documentos orais, a partir da metodologia da História Oral. Nossa pesquisa se fundamenta no campo da História das Religiões em interface com a Antropologia, a partir dos conceitos de “communitas” (TURNER, 1974; 2008), “identidade” (HALL, 1998) e “recepção” (CERTEAU, 2014). Espera-se com este trabalho que se apresente à academia e à sociedade as particularidades da recepção e consolidação deste movimento em Alagoa Grande-PB, com a contribuição científica inicial de ser o primeiro trabalho referente à Renovação Carismática na cidade de Alagoa Grande-PB, se somando a uma produção já consolidada acerca do tema em outras cidades do Brasil.

Palavras-chave: RCC; Alagoa Grande/PB; Cristo Vida; Recepção.

ABSTRACT

This monograph analyzes the reception and consolidation of the Renovação Carismática Católica (RCC) in Alagoa Grande/PB, in the proposed cut between 1992 and 2022, focusing on the Cristo Vida Group. Therefore, the sources used are based on oral documents, based on the methodology of Oral History. Our research is based on the field of History of Religions in interface with Anthropology, based on the concepts of “communitas” (TURNER, 1974; 2008), “identity” (HALL, 1998) and “reception” (CERTEAU, 2014). It is hoped that this work will present to academia and society the particularities of the reception and consolidation of this movement in Alagoa Grande-PB, with the initial scientific contribution of being the first work referring to the Charismatic Renewal in the city of Alagoa Grande-PB, adding to an already consolidated production on the subject in other cities in Brazil.

Keywords: RCC; Alagoa Grande/PB; Cristo Vida; Reception.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
CAPÍTULO 1.....	14
1.1. Surgimento da Renovação Carismática Católica no mundo e no Brasil.....	14
1.2. RCC <i>versus</i> Teologia da Libertação: Uma oposição a ser ponderada.....	21
CAPÍTULO 2.....	28
A RECEPÇÃO DA RCC EM ALAGOA GRANDE E SUA CONSOLIDAÇÃO.....	28
2.1. A recepção da Renovação Carismática Católica pelos moradores de Alagoa Grande.....	28
2.2. A recepção da Renovação Carismática Católica pela Igreja Católica de Alagoa Grande.....	33
2.3. A consolidação da Renovação Carismática Católica em Alagoa Grande.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
Bibliográficas.....	46
Digitais.....	47
ANEXOS.....	48

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A forma como cheguei ao tema foi a partir da curiosidade em entender como ocorreu a recepção do movimento da Renovação Carismática Católica em Alagoa Grande-PB, cidade em que residia e participava do referido movimento, chamado como RCC-Cristo Vida.

A cidade de Alagoa Grande está situada no brejo paraibano, a aproximadamente 85 km da capita João Pessoa (ALAGOA GRANDE, 2023). A referida cidade é fronteira das cidades de Juarez Távora, Alagoinha, Serra Redonda, Massaranduba, Alagoa Nova, Areia, Gurinhém, Mulungu e Matinhas (ALAGOA GRANDE, 2023) e tem uma população estimada de 28.384 mil habitantes de acordo com o censo de 2021 do IBGE (IBGE, 2021).

Figura 1 – Localização geográfica de Alagoa Grande/PB



Fonte: Reprodução/Internet (2022)

Passei a frequentar os eventos e reuniões do grupo desde o ano de 2011 e, ao longo dos anos me vi fazendo indagações sobre como foi o percurso de recepção, como os moradores da cidade receberam o movimento, a Igreja e os padres, bem como este movimento se consolidou, sob que circunstâncias.

O curso de História, por sua vez, me fez ver de forma crítica esse percurso, no qual antes apenas olhava com o olhar apaixonado de uma participante praticante do grupo, visualizando, assim, que esse movimento surgiu a partir de interesses da Igreja, pois os servos estavam se afastando, com isso, o Concílio Vaticano II surgiu com o intuito de modernizar a Igreja, reformulando a nova linguagem de fé, sendo mais compreensível para o fiel, se atualizando.

Desta forma, o objetivo desta pesquisa é analisar a recepção e consolidação da RCC em Alagoa Grande, no recorte proposto entre 1992 e 2022, com foco no Grupo Cristo Vida, tendo em vista que existe outro grupo na cidade, mas esta pesquisa se detém apenas ao Cristo Vida em razão de ser o primeiro grupo da cidade e, conseqüentemente, o mais longo, o primeiro que sofreu as perseguições do seu tempo.

A Igreja Católica Apostólica Romana sempre foi fundamentada sob uma rígida plataforma hierárquica, com pilares tradicionais e seguindo o Magistério e a Escritura Sagrada, sendo, desse modo, sendo uma instituição heterogênea e complexa. Entretanto, somente a partir do Concílio Vaticano II que surgiu o Pentecostalismo Católico, hoje conhecido como Renovação Carismática Católica, fato que mudaria completamente este perfil da Igreja.

Esse movimento surgiu de forma polêmica, polemizando os interiores da Igreja, trazendo práticas que antes não eram vistas, como oração em línguas estranhas, coreografias, músicas, liturgias animadas, “encontros pessoais” com Cristo, dentre outras práticas que antes não eram desenvolvidas na Igreja Católica dita tradicional. A Renovação Carismática, então, originou-se a partir de um encontro em uma Universidade nos Estados Unidos, na segunda metade do século XX, mas influenciada por outros eventos protestantes (CARRANZA, 2009; SCHERER, 2013).

Depois desse encontro de jovens ocorreu um crescimento da Renovação Carismática em todo os lugares, inclusive no Brasil, chegando até às pequenas cidades, como Alagoa Grande-PB, no ano de 1992, sendo os principais fundadores do grupo RCC-Cristo Vida a senhora Dna. Maria Lala, Geraldo (seu esposo) e Antônio Monteiro, conhecido como Irmão Antônio morador e coordenador do movimento RCC da cidade vizinha, Areia.

Logo foram atraindo servos para fazer parte da RCC-Cristo Vida, e a recepção do movimento em Alagoa Grande foi arremetida de críticas por parte de muitos, os quais marginalizavam as práticas que se diferenciava das tradicionais predominantes na Igreja, demarcando conflitos difíceis e por vezes impossíveis de se pensar em uma consolidação do movimento na cidade. É neste campo de interrogação que esta pesquisa se lança.

A escolha da cidade de Alagoa Grande-PB foi pelo fato de ser a cidade em que nasci, onde passei toda minha infância, adolescência e o início da fase adulta, bem como a cidade que comporta o grupo que participei e conheço mais de perto, o que possibilita grande viabilidade para narrar esta história.

O recorte temporal de 1992 se justifica pelo fato de ser a data da fundação do movimento e, estende-se a 2022 pelo fato da comemoração da festa de 30 anos do grupo, que comemora a principal razão: a consolidação do grupo.

Nossa pesquisa se fundamenta no campo da História das Religiões em interface com a Antropologia, a partir dos conceitos de “*communitas*” (TURNER, 1974; 2008) e “*identidade*” (HALL, 1998). Metodologicamente faremos um confronto entre as fontes com ênfase na História Oral.

De acordo com o antropólogo Victor Turner (1974; 2008), o conceito de “*communitas*” é um termo latim que denota à noção de comunidade, para não conferir limitações espacial ao vínculo entre os sujeitos liminares, já que o caráter de antiestrutura da “*communitas*” está baseado em relações sociais e não em pertencimentos territoriais.

Neste sentido, a aplicação do conceito para a nossa pesquisa nos embasa sobre as relações sociais que se apresentam de forma a fortalecer algo maior que as pessoas pertencentes do movimento da RCC tinham em comum.

O conceito “*comunitas*” em Turner (1974; 2008) é associado ao conceito de antiestrutura, que permite compreender essa ação de recusa como forma de valorizar outro tipo de prática religiosa que não tivesse no catolicismo oficial o seu principal elemento estruturante.

Desse modo, referindo-se ao movimento da Renovação Carismática e sua recepção, tendo em vista as práticas diferentes da tradicional católica, percebe-se muito mais uma influência determinante no protestantismo que no catolicismo tradicional, o que viria a romper, inclusive, com formatos tradicionais.

Segundo o sociólogo Hall (1998), o conceito de “*identidade*” parte do contraponto entre o “eu” e o “outro”, o “observador” e o “objeto”. Neste sentido, o referido autor destaca ainda que as definições identitárias não são fixas nem permanentes, pois partem de uma construção estabelecida entre o indivíduo, o mundo ao seu redor e à sua cultura, mundo, cultura e indivíduo que mudam conforme o passar do tempo.

É neste sentido que nos apropriamos do conceito, chamando atenção para o fato da identidade enquanto pertencimento, que se modifica com o tempo, a partir do momento que o indivíduo se sente parte daquilo. No caso da RCC os indivíduos somente passam a se sentir parte a partir do conhecimento e da experiência.

O principal conceito utilizado é o de “*recepção*”, a partir das contribuições de Certeau (2014). Segundo o autor, a recepção consiste em um fenômeno que impacta

diretamente no cotidiano das pessoas, fato este que conduz à reapropriação dos eventos que acontecem em suas vidas de acordo com este impacto.

As fontes utilizadas constituem-se de fontes orais, a partir das entrevistas com 6 colaboradores: Dna. Maria, 76 anos de idade, artesã. É a fundadora do grupo Cristo Vida na cidade de Alagoa Grande. Geusa, 53 anos de idade, atua na rede pública de ensino da Paraíba como professora de Libras. É membro do grupo desde a fundação.

Genes, atual coordenador do grupo Cristo Vida, tem 49 anos de idade e atualmente é coordenador dos anos finais da secretária de educação, na cidade de Guarabira-PB. É membro do grupo desde a fundação. Emelyne, 24 anos idade, é membro do grupo desde seu nascimento. Profissão estudante.

Padre Reinaldo, 29 anos de idade, atual padre da paróquia São José, desde o ano de 2022, quando se mudou para a cidade. Padre Rui, que não forneceu maiores informações pessoais. Entretanto, foi localizado no site da arquidiocese da Paraíba as seguintes informações: atual administrador paroquial da diocese São João Batista, na cidade de Bayeux/PB. Não forneceu informações acerca de sua idade, mas localizamos no mesmo site que sua ordenação se deu no ano de 1994 (ARQUIDIOCESE, 2023).

As entrevistas se desenvolveram em 3 formatos: i) orais/gravadas presencialmente, com os colaboradores Dna. Maria, Geusa e Padre Reinaldo; ii) questionário escrito enviado aos participantes Padre Rui e Genes; e iii) gravação por áudio à distância com a colaboradora Emelyne.

O primeiro grupo de entrevistas, as orais/gravadas presencialmente, se desenvolveram em dois dias consecutivos, sendo no primeiro dia (28/05/2022) as entrevistas com Dna. Maria e Geusa, em suas respectivas residências. A entrevista com Dna. Maria teve como fechamento um cafezinho com pé-de-moleque servidos ao final da entrevista, encerrando um momento muito agradável de uma conversa fluida que representou a entrevista.

O fato de eu conhecer a entrevistada há anos facilitou o momento, a deixando amplamente à vontade, bem confortável em sua “cadeira do vovô”. Bem como a entrevista com Geusa, filha de Dna. Maria, que havia chegado de uma reunião. A entrevista com Geusa foi mais rápido, mas no mesmo clima da de Dna. Maria, por também conhecer a colaboradora há anos.

A entrevista com o Padre Reinaldo foi realizada no segundo dia (29/05/2022) na paróquia São José, logo após um batizado. A entrevista se deu em frente à igreja, o padre foi bem receptivo, indicando ao final da entrevista sugestão de leituras e indicando ainda um

padre de Campina Grande que fala sobre o pacto de catacumbas, documento assinado no contexto do Concílio do Vaticano II.

O segundo grupo de entrevistas, as do questionário escrito enviado aos participantes, consistiu no envio pela rede social whatsapp um questionário com perguntas abertas, devido aos participantes residirem em cidade mais distantes, nas quais não conseguimos ir. A de Genes apresentou uma riqueza de detalhes e de informações originais da época e da sua própria trajetória, muito em razão da amizade entre mim e ele, também de anos, o que facilitou para que o colaborador também se sentisse à vontade no repasse das informações.

A entrevista do Padre Rui, por sua vez, foi bem mais resumida e objetiva nas informações, muito em razão da distância e pelo motivo de que a gente não se conhecia, fato este que pode ter influenciado no repasse das informações, considerando que a História Oral sugere melhores resultados por um vínculo construído entre entrevistador e entrevistado, fato que não foi possível exercer na entrevista deste padre, resultando em uma entrevista resumida e bem objetiva nas informações.

O terceiro grupo de entrevistas, a gravação por áudio à distância com a colaboradora Emelyne, se desenvolveu muito à vontade, pelo fato de termos uma longa amizade. O formato à distância se deu em razão de não conseguir viajar novamente no período da escrita do trabalho. Entretanto, em razão da nossa amizade, não houve empecilho algum no repasse das informações.

Neste sentido, a História Oral apresentou uma riqueza muito especial para a pesquisa, em razão da proximidade entre entrevistada e colaboradores que se revelou no decorrer das entrevistas, propiciando um resultado rico em informações que compõem o nosso *corpus* documental analisado.

Por fim, espera-se com este trabalho, apresentar para a academia e a sociedade as particularidades da recepção e consolidação desse movimento em Alagoa Grande-PB. Desse modo, a contribuição científica inicial se caracteriza por ser o primeiro trabalho referente à Renovação Carismática na cidade de Alagoa Grande-PB, se somando a uma produção já consolidada acerca do tema em outras cidades do Brasil.

Estruturalmente, o trabalho está dividido em 2 capítulos, em que no primeiro se discute sobre o surgimento da RCC no mundo e no Brasil e, no segundo se discute sobre a recepção do movimento em Alagoa Grande e sua consolidação.

CAPÍTULO 1

UMA “IGREJA MAIS ABERTA ÀS CARÊNCIAS DO MUNDO”: RENOVAÇÃO CARISMÁTICA E TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

O presente capítulo tem como objetivo principal desenvolver por meio de uma revisão bibliográfica uma compreensão acerca do surgimento da RCC no mundo e no Brasil, e seus desdobramentos no Brasil por meio da Teologia da Libertação e da RCC.

1.1.Surgimento da Renovação Carismática Católica no mundo e no Brasil

O concílio Vaticano II (1962-1965) influencia diretamente o surgimento da Renovação Carismática Católica (RCC)¹, pois o objetivo do concílio era aproximar a Igreja Católica das demandas contemporâneas do mundo àquela época, conciliando e atraindo fiéis. Conforme o próprio documento esclarece: “O sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança” (VATICANO II, 1963). De acordo com Andrade (2012, p. 31),

a Igreja percebendo a sua pequena penetração na vida da população, reavalia sua atuação frente a situações de injustiça social que fazem parte da experiência da vida cotidiana de grande parte da população no país; enfim, se volta para as questões sociais que envolvem a sociedade moderna.

Ou seja, a Igreja Católica tinha como interesse se aproximar dos problemas sociais que assolavam o mundo, de forma mais presente na vida íntima das pessoas. A atualização da Igreja neste momento se apresenta, portanto, como um fator determinante para o Concílio:

A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cfr. Mc. 16,15). Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, pretende ela, na sequência dos anteriores Concílios, pôr de manifesto com maior insistência, aos fiéis

¹ A partir deste momento, nos referiremos à Renovação Carismática Católica pela sigla RCC.

e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal. E as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgentes este dever da Igreja, para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo (VATICANO II, 1964, grifo nosso).

Conforme observado, o concílio se apresentava como uma missão proposta para conciliar o mundo inteiro, à toda espécie humana. Mais que uma missão, um manifesto proposto para o mundo inteiro, considerando as condições atuais daquela época e as especificidades culturais e sociais de cada povo e de cada nação. O que chama atenção na citação é a repetição de que a proposta do concílio era para todo o gênero humano, para todas as pessoas do mundo inteiro. O documento deixa claro ainda que

o sagrado Concílio volta de bom grado a sua atenção para o estado daqueles fiéis cristãos que se chamam leigos². Com efeito, se é verdade que todas as coisas que se disseram a respeito do Povo de Deus se dirigem igualmente aos leigos, aos religiosos e aos clérigos, algumas, contudo, pertencem de modo particular aos leigos, homens e mulheres, em razão do seu estado e missão; e os seus fundamentos, devido às circunstâncias especiais do nosso tempo, devem ser mais cuidadosamente expostos. [...] Por leigos entendem-se aqui todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja (VATICANO II, 1964).

Neste sentido, o concílio confirma a missão da Igreja Católica de atrair os não católicos para, a partir deles, alcançar outros, reforçando que “incumbe, portanto, a todos os leigos a magnífica tarefa de trabalhar para que o desígnio de salvação atinja cada vez mais os homens de todos os tempos e lugares (VATICANO II, 1964), confirmando, ainda, seu caráter universal de atingir todas as pessoas e lugares.

Conforme analisa Andrade (2012), o concílio Vaticano II não tinha o interesse em propor novos dogmas da Igreja Católica, mas reafirmar os já existentes em uma nova linguagem, conforme explícito no próprio documento do concílio: “o sagrado Concílio dever recordar os princípios e determinar as normas práticas que se seguem, acerca do incremento e da reforma da Liturgia” (VATICANO II, 1963). Conforme observado, o concílio deveria preservar o que já existia, proposto pelo verbo “recordar”, incorporando o verbo “incrementar”, enquanto uma ação prática de renovação na liturgia, ou seja, nas formas de se fazer os ritos e cultos.

² Cristãos que são membros da Igreja Católica, mas não fazem parte do Clero, ou seja, que não são ordenados como padres, bispos, arcebispos, dentre outros títulos do Clero.

Reforçando este caráter, o concílio se coloca como guarda fiel da tradição e “onde for necessário, sejam prudente e integralmente revistos no espírito da sã tradição e lhes seja dado novo vigor, de acordo com as circunstâncias e as necessidades do nosso tempo” (VATICANO II, 1963), ou seja, demarcando uma atualização no formato, mas manutenção do que já se tinha.

Nas palavras de Andrade (2012, p. 29), “o Concílio Vaticano II não foi convocado para propor novos dogmas, mas para reformular a fé em linguagem nova, de maneira compreensível para o fiel. [...] O Concílio, em linhas gerais, procurou estabelecer um diálogo com o mundo moderno”, ou seja, propondo uma atualização e inserção nos problemas sociais contemporâneos à sua época. Desse modo, o Concílio Vaticano II influenciou diretamente o surgimento da RCC, pois o formato proposto nesta atualização da Igreja Católica no modo de “ser igreja” encontrou uma materialidade promissora que se desenvolveu na RCC.

Conforme explica Scherer (2013, p. 43), “esse processo que levou ao surgimento da R.C.C. inseriu-se, justamente, no contexto do *aggiornamento*³ vivenciado pela Igreja Católica na década de 1960, cujo ápice se deu com as novas diretrizes apontadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965)”, confirmando, portanto, a associação entre o período de atualização proposto pela Igreja Católica com as práticas que viriam a ser incorporadas na RCC. Após o Concílio Vaticano II a Igreja Católica passa a refletir e analisar as suas posturas e estratégias que vinha arreigada por um longo período. De acordo com Andrade (2012, p. 88),

o Concílio encerrou em 1965, com a seguinte palavra de ordem: *deve a Igreja, a todo momento perscrutar os sinais do tempo*. Ora, isso significava para a Igreja uma necessidade de participação mais ativa na sociedade. Para cumprir sua “missão”, essa instituição deveria estar atenta aos acontecimentos e participante deles, das exigências e das aspirações dos homens que estão a sua volta. Devia estar atenta a um mundo em que ocorria um processo de mudanças rápidas, extensas e profundas. Mudanças que poderiam alijar completamente a Igreja desse mundo se ela, enquanto instituição, não estivesse dele participado.

Conforme destacada, a palavra de ordem para a Igreja Católica era perscrutar os sinais do tempo, ou seja, se atualizar, estar atenta às oportunidades de inserção e aproveitamento. A partir da compreensão da essência do concílio, a RCC viria materializar e demarcar este novo momento. Carranza (2009) e Scherer (2013) concordam quanto à data e lugar de surgimento da RCC como sendo nos Estados Unidos em 1967,

³ Atualização ou “processo de abertura e inserção [da Igreja] no mundo” (VILLALOBOS; ROSSATO, 1996, p. 20).

nessa perspectiva, o seu ponto de partida teria sido um retiro espiritual realizado na Universidade de Duquesne, Pittsburgh, na Pensilvânia, onde se reuniram cerca de 30 leigos católicos que desejavam experimentar a ação e a transformação que o Espírito Santo poderia operar na vida das pessoas, buscando um novo fundamento para a vida espiritual que não fosse resultante da ação humana (SCHERER, 2013, p. 42).

Como se pode observar, os jovens buscavam por experiências maiores e um novo fundamento para suas vidas espirituais, destacando, portanto, o caráter de algo novo, muito influenciado pelo protestantismo norte americano. A esse respeito,

os participantes desse retiro haviam tomado contato com grupos ligados a um movimento que ficou conhecido como Avivamento Protestante. Esse movimento ocorreu nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960, contando com a participação de jovens de diversas igrejas protestantes que buscavam uma maior espiritualidade. Na perspectiva dos seus participantes esse Avivamento se inseria na mesma linha dos *Holiness Revival* do final do século XIX e início do XX. (SCHERER, 2013, p. 42)

De acordo com Carranza (2009), a partir desse momento já era evidente que os grupos católicos de oração pelo mundo iniciavam estruturas denominadas carismáticas. Sobre este início, a autora destaca que

“atrair os afastados” foi a consigna que mobilizou milhões de fiéis sob a fórmula: música, lazer e oração. Centenas de jovens congregaram-se em bandas de música, proliferaram padres e leigos cantores e multiplicaram-se iniciativas, atividades e projetos sócio-caritativos que visibilizavam um novo jeito de ser católicos (CARRANZA, 2009, p. 34).

Como demonstra a autora, o surgimento da RCC é caracterizado pelo uso de músicas, danças e orações, com o intuito de reaproximar os fiéis aos atos da Igreja, trazendo uma nova proposta de “ser católico”, com uma nova linguagem.

No ano de 1975, no encontro mundial de lideranças da RCC, em Roma, o papa Paulo VI reconheceu como o movimento havia se expandido e alcançado tantos fiéis em um curto período. O papa viu então como uma oportunidade para a Igreja de trazer os fiéis que estavam afastados (CARRANZA, 2009). A autora supracitada destaca ainda que esse movimento tomou proporções inimagináveis “no terreno religioso, fervorosas adesões; no social, novas configurações subjetivas; no acadêmico, diversas interpretações; e na própria Igreja católica, a polarização na sua recepção” (CARRANZA, 2009, p. 35), proporcionando, neste sentido, mobilizações em vários campos sociais. Portanto,

a R.C.C. aparece no cenário religioso como um processo mimético da pentecostalização do protestantismo que surgiu nos Estados Unidos da América do Norte. Tanto a R.C.C. quanto a Teologia da Libertação tem como ponto de partida o Concílio Vaticano II, exatamente devido à ambivalência das interpretações daquele magno evento (SCHERER, 2013, p. 56).

Em síntese, esses momentos caracterizaram o início da RCC, como um movimento impulsionado pelo concílio Vaticano II sob a proposta de atualizar a Igreja Católica e se inserir de forma mais presente na vida das pessoas. A nova linguagem e formato de atrair e reatrair fiéis foi influenciado pelo protestantismo norte americano, com músicas, danças e uma nova busca por experiências mais profundas no campo espiritual.

Estas manifestações espirituais se diferenciavam das manifestações praticadas pela Igreja Católica até então, de modo que “impelidos pela experiência de êxtase profética, os ‘batizados no fogo do espírito’ derramaram-se por toda a geografia eclesial, chegando a Campinas, São Paulo, Brasil, no idos de 1969, pela mão de dois sacerdotes jesuítas” (CARRANZA, 2009, p. 36-37, grifo nosso).

Conforme demonstrado pelas expressões “êxtase” e “fogo do espírito”, uma nova experiência estava sendo proposta e ganhando adesão, de modo que rapidamente se espalhou, como afirma autora, chegando, por exemplo, em 1969, no Brasil. Para a autora, “bastou uma década para que dos ‘seminários de vida no espírito’⁴ germinassem centenas de seguidores da RCC” (CARRANZA, 2009, p. 37).

Estas experiências, entretanto, promoveram certa ruptura com as práticas católicas vivenciadas até então, a partir das influências do protestantismo e do impulsionamento promovido pelo Concílio Vaticano II, o que deixou a ala mais conservadora da Igreja Católica mais cuidadosa em relação a estas novas experiências, conforme destaca Kung (2002, p. 229):

Desde o início, a máquina da cúria fez o possível para manter o concílio sob controle. Logo ficou entendido que, em contraste com o Vaticano I, o Vaticano II tinha uma consistente maioria progressista. Entretanto, desde o início, a cúria assegurou (uma concessão fatal de João XXIII) que os presidentes das comissões individuais do concílio fossem cardeais da cúria e que tanto o secretário-geral quanto os secretários das comissões fossem teólogos da cúria. Era como se, num Parlamento, as comissões parlamentares de inquérito fossem completamente controladas pelos próprios ministros fiscalizados e por seus assessores.

Desse modo, o início da RCC demarcou também conflitos no seio do clero, com

⁴ Seminários de iniciação à doutrina carismática da RCC, com momentos formativos de explicação sobre o catolicismo proposto pela RCC.

disputas no campo ideológico de apoiadores contra outros mais desconfiados com estas mudanças que estavam ocorrendo. Como resultado, o autor afirma que “foi uma briga constante entre o concílio e a cúria. Por várias vezes a maioria conciliar progressista procurou chegar a um acordo com a pequena minoria reacionária e o aparato curial que a apoiava (KUNG, 2002, p. 229).

Apesar destas disputas, é fundamental destacar o posicionamento do papa João XXIII, que exerceu o papado nesse contexto do Vaticano II e destas mudanças e conflitos - entre 1958 e 1963 (ano do seu falecimento). Conforme Lenz (2012, p. 423-424),

uma das intuições fundamentais de João XXIII foi certamente a de buscar nos sinais dos tempos um lugar de encontrar Deus e a realidade do mundo. Tanto no Concílio como nas encíclicas desse Papa, a leitura dos sinais dos tempos é lugar teológico muito frequentado. É um lugar de compreensão e diálogo, lugar de onde vêm os apelos mais intensos. Temas fortes nessa aproximação com o mundo foram o diálogo com o mundo moderno, a busca da unidade dos cristãos e a atenção ao mundo dos pobres e da pobreza na Igreja.

Desse modo, a visão do papa João XXIII é conciliável com a proposta do Vaticano II, conforme já discutida, de modernizar a Igreja Católica no sentido de se atualizar ao mundo de sua época. Nas palavras do próprio papa João XXIII, “um outro ponto luminoso: face aos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta como ela é e como ela busca ser, a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres” (ALBERIGO, 1985, p. 239 *apud* LENZ, 2012, p. 424). Portanto, ao se referir à Igreja Católica como a “Igreja dos pobres” sugere-se pensar

em uma visão ideológica mais progressista do papa João XXIII, sonhando uma Igreja renovada, uma Igreja dos pobres, ajudando com seu carisma aos padres conciliares a superar a dissociação que se havia criado entre a proposta de *aggiornamento*, pedida pelo próprio Papa e os esquemas extremamente conservadores elaborados sob supervisão da Cúria e felizmente rejeitados pelo plenário dos padres conciliares e substituídos por 17 esquemas, que finalmente resultaram nos 16 Documentos do Concílio (LENZ, 2012, p. 431).

Desse modo, apesar das disputas, venceu a proposta de renovação da Igreja Católica, o que possibilitou a expansão da RCC e, conseqüentemente, sua chegada e desenvolvimento no Brasil. A chegada do movimento da RCC no Brasil é precedida por um estudo técnico dos teólogos brasileiros que tinha como objetivo analisar a cultura brasileira no sentido de

entender quem era o indivíduo brasileiro, sobretudo o seu comportamento religioso. Para isso, estes teólogos brasileiros analisaram várias produções científicas no campo das humanidades (ANDRADE, 2012).

Esse estudo técnico fazia parte da proposta do Vaticano II, conforme ele expressava uma preocupação com as características locais de cada país para integração da Igreja Católica, conforme explica Andrade (2012, p. 33):

Após o Concílio, foi realizada a II Conferência Episcopal Latino-Americana em Medellín, Colômbia, em 1968 que tinha como objetivo adaptar as designações do Vaticano II à realidade latino-americana. Uma das disposições estabelecidas foi a necessidade de se conhecer o homem latino-americano, sua religiosidade, seu comportamento, sua cultura, o que na prática já havia ocorrendo desde o início dos anos 1960 no Brasil.

Desse modo, a ação partia para conhecimento da Igreja Católica sobre esse indivíduo brasileiro e seu comportamento religioso para uma integração assertiva no Brasil. A partir disso,

a Renovação Carismática chegou no Brasil no final dos anos 1960, começo dos anos 70, trazida por jesuítas norte-americanos. O Padre Eduardo Dougherty é reconhecido como um dos precursores do Movimento Carismático no Brasil, sendo responsável pela formação dos primeiros grupos de oração na cidade de Campinas com participantes dos Cursilhos de Cristandade. Através de suas atividades formou um grupo de religiosos engajados na Renovação Carismática, entre eles o jesuíta norte-americano Haroldo Rahm, outro destacado membro da Renovação Carismática Católica no Brasil e considerado por muitos como co-introdutor do movimento no país (MASSARÃO, 2007, p. 6).

Como demonstrado, o movimento da RCC chega no Brasil e tem como precursores padres que formaram os primeiros grupos de oração. Com a expansão da RCC no Brasil, a partir dos anos 1970, “os líderes carismáticos - principalmente pela ação do Padre Haroldo Rahm junto à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – obtiveram autorização do bispado brasileiro para organizar a Comissão Nacional de Serviço, com sede em Brasília (MASSARÃO, 2007, p. 6).

Ou seja, a expansão do movimento ganhou autorização do alto clero brasileiro, representado pelo bispado. De acordo com o site oficial da RCC no Brasil, “no início, a Renovação atingiu os líderes já engajados em movimentos como Cursilho, Encontros de

Juventude, TLC⁵, etc, e foi se ampliando gradativamente como uma nova ‘onda’ de evangelização com identidade própria” (RCC, 2023).

Como se pode observar, o movimento começou com líderes já ambientados a movimento e aos poucos crescendo, se expandindo a partir dos trabalhos de evangelização. Entretanto, mesmo com a expansão, “sua proximidade com o pentecostalismo foi motivo de rejeição interna principalmente por parte da ala progressista da Igreja Católica (leia-se Teologia da Libertação)” (RIBEIRO, 2011, p. 177).

Esse aparente conflito, entretanto, não interferiu no crescimento da RCC no Brasil, de modo que, após sua chegada no Brasil, “em apenas três décadas, esse movimento já estava presente em 90% das dioceses brasileiras e, em termos mundiais, pouco antes da entrada do novo milênio, já teria representatividade em 140 países, contabilizando 40 milhões de adeptos, dos quais 30% só na América Latina” (JURKEVICS, 2004, p. 123).

Ribeiro (2011, p. 177) afirma ainda que “já no final da década de 70, sua presença já era significativa no Brasil, vindo a se consolidar institucionalmente, espalhando-se pelo território brasileiro, no decorrer da década de 80” e conclui afirmando que “nenhum outro movimento cresceu tanto quanto a RCC, desde seu surgimento” (RIBEIRO, 2011, p. 177).

Desse modo, o crescimento da RCC no Brasil foi algo incontestável e rápido, resultado do contexto de *aggiornamento* da Igreja Católica, ou seja, sua atualização proposta pelo Vaticano II. Entretanto, as disputas também acompanharam este processo de surgimento e expansão, conforme sempre elas se apresentam. A esse respeito, destacamos a disputa entre o projeto de atuação da RCC e da Teologia da Libertação no Brasil.

1.2. RCC versus Teologia da Libertação: Uma oposição a ser ponderada

Ao se falar sobre Renovação Carismática no Brasil logo se associa à Teologia da Libertação, muito em razão de serem movimentos contemporâneos no Brasil, mas os dois movimentos foram colocados em oposição e é necessário demarcar esta oposição de forma prévia para esclarecimento ao leitor. De acordo com Massarão (2007, p. 10), “o Movimento

⁵ Treinamento de Liderança Cristã.

Carismático é constantemente definido como arma da ala conservadora da Igreja Católica frente aos progressistas da Teologia da Libertação, nos países da América Latina”, enquanto a Teologia da Libertação

foi um movimento de renovação do pensamento teológico idealizado por padres da América Latina, tendo como característica básica o engajamento social da Igreja através de uma "opção preferencial pelos pobres", ou seja, o trabalho com os sócio-econômico-politicamente excluídos (MASSARÃO, 2007, p. 10).

Soares (2000, p. 15) ainda afirma que a Teologia da Libertação acreditava na “perspectiva de transformação social e de ruptura com os laços de dependência com os países de capitalismo avançado”, ou seja, a disputa colocada consiste na crença da RCC como uma arma da ala mais conservadora da Igreja Católica em contrapartida à proposta mais progressista da Teologia da Libertação, da igreja dos pobres e para os pobres.

Ponderamos, entretanto, esta visão da RCC como uma arma da ala mais conservadora da Igreja Católica ao lembrarmos da disputa já citada por Kung (2002), em que o desenvolvimento da RCC incomodou a ala conservadora da Igreja Católica, pela proposta da RCC ser influenciada pelo protestantismo e ter em si muito de suas marcas. Por isso ponderamos esta associação, lembrando que o surgimento e proposta da RCC incomodou a ala conservadora da Igreja Católica, que quis impor controle ao movimento.

Com o passar do tempo, o que se caracterizou como a principal diferença entre a RCC e a Teologia da Libertação foi o objetivo de cada uma: a RCC tinha como objetivo modernizar a linguagem da Igreja Católica no intuito de atrair e reaproximar fiéis, modificar a forma; enquanto a Teologia da Libertação tinha como objetivo o trabalho social da Igreja Católica voltada para suprimento da necessidade dos pobres, influenciado ainda pelo engajamento político do movimento. Com a instauração da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985),

a CNBB⁶ passou a repudiar as ações do regime, tanto em relação aos problemas econômico-sociais quanto ao desrespeito aos direitos humanos. A década que se seguiu após a edição do AI-5 mostrou a Igreja Católica como única instituição capaz de resistir ao regime militar, passando a ocupar o espaço de oposição à Ditadura Militar brasileira. O dismantelamento e perseguição aos movimentos, partidos e organizações de esquerda deu força aos grupos formados na Igreja, como as

⁶ CNBB significa “Conferência Nacional dos Bispos do Brasil”.

Comunidades Eclesiais de Base, a Pastoral da Terra, Juventude Operária e Ação Católica Operária (ou seja, aqueles ligados às ações sociais da Igreja), trazendo parcela significativa das classes populares e de pessoas resistentes ao governo para as esferas católicas (MASSARÃO, 2007, p. 12).

Desse modo, a Teologia da Libertação seria resultado do contexto político e social que a Igreja Católica vivenciava à época, dando materialidade ao projeto da Igreja Católica no Brasil atuar na “fome”⁷ dos mais necessitados. Desta forma,

na junção da situação sócio-econômico-cultural-política do período com as reformas intra-institucionais referendadas pela Teologia da Libertação, a Igreja Católica assumiu o papel de oposição ao governo militar e passou a abraçar as causas populares, criando um bloco progressista significativo na CNBB (MASSARÃO, 2007, p. 12).

É importante frisar que, da mesma forma que a RCC teve oposição no alto clero da Igreja Católica, a Teologia da Libertação também teve, conforme explica Massarão (2007, p. 13):

Os embates entre a cúpula católica e os líderes da Teologia da Libertação estiveram ligados principalmente à utilização das teorias marxistas como instrumento de análise por parte dos teóricos da Teologia da Libertação. As propostas de reforma estrutural da Igreja Católica indicadas pela Teologia da Libertação foram recebidas como desvios de fé.

Portanto, mais uma vez os conflitos se fizeram presentes na nossa pesquisa, apontando para uma ideia de que estes processos históricos, principalmente o objeto da nossa pesquisa – a RCC, se desenvolveram sob condições de conflitos e antipáticos aos movimentos. De acordo com Massarão (2007, p. 14),

no mesmo período em que a Teologia da Libertação e seus movimentos passavam por estas modificações, a Renovação Carismática, em crescimento desde os anos 1970, ganha visibilidade entre os observadores da Igreja e a mídia. Por suas características mais voltadas para o campo espiritual, o Movimento Carismático foi interpretado como opositor “natural” das Comunidades Eclesiais de Base. A Renovação Carismática seria o movimento escolhido pelo Vaticano para reencausar os fiéis católicos. Os trabalhos acadêmicos igualmente exploram a “oposição” RCC - Teologia da Libertação, partindo do pressuposto de que houve um

⁷ Pedimos permissão para utilizar o termo fome no sentido figurado, no intuito de ler este termo como fome de várias necessidades que o Brasil passava à época, como as diversas fomes dos excluídos social e politicamente, dentre várias manifestações que demarcavam as necessidades do povo brasileiro àquela época.

avanço conservador do Vaticano para a reconquista dos fiéis "afastados pela ênfase desmedida na política por parte da Igreja Progressista", sendo a Renovação Carismática a arma para esta reconquista.

Entretanto, a ponderação que fazemos nesta dita “oposição” se fundamenta no argumento de que a própria RCC sofreu retaliação da ala conservadora da Igreja Católica, além de que não encontramos em nenhuma obra alguma menção de que a RCC se opunha ao movimento da Teologia da Libertação e vice-versa, visto que se opor a isso seria se opor à questão do pobres.

Outro argumento é que ambos os movimentos tiveram seu crescimento no país, sem que um tivesse como plano de ação a perseguição ao outro, por essa razão acreditamos que a ideia de oposição entre os dois movimentos deve ser muito bem ponderada e relativizada. A colocação destes argumentos não é apresentada de forma militante, mas sim na busca de uma escrita científica se basear em fontes e materiais cientificamente fundamentados e, desse modo, as leituras e pesquisas encontradas apontam para esta relativização que propomos. Neste sentido, a própria Massarão (2007, p. 15) concorda que

a expansão da Renovação Carismática, em suma, parece ter pouca relação com a desestabilização da Teologia da Libertação. O contato entre os grupos dessas duas correntes, naquele momento, estava reservado ao âmbito paroquial, sem que sejam encontrados embates significativos entre eles.

A autora ainda reforça, ao concluir que os dois movimentos, em seu íntimo, tinham o mesmo objetivo:

Renovação Carismática e Teologia da Libertação, por exemplo, surgiram na mesma época, atingindo grupos específicos dentro da Igreja Católica, mas com um mote geral e recorrente em todos os movimentos que floresceram no período: trazer a Igreja para junto da sociedade, restabelecendo os laços entre os homens e Deus, sem abalar a hierarquia (MASSARÃO, 2007, p. 16).

Para Boff (2008, p. 229-230),

o modelo de igreja que queremos: a Igreja-Povo-de-Deus ou simplesmente a Igreja popular. [...] Nossas reflexões vêm imbuídas de otimismo. A Igreja dos pobres, a Igreja da base, a Igreja-rede-de-comunhões-de-base, a Igreja da libertação, nomes diferentes para a mesma realidade.

Confirmando, portanto, a essência da Teologia da libertação, que tinha como principal preocupação a libertação social dos pobres. Concordando, Matos (2003, p. 199) afirma que “a *Teologia da Libertação* (TdL) saliente a dimensão transformadora da fé cristã no sentido uma libertação integral. Parte da constatação de a América Latina ser um continente marcado por estruturas de injustiça social, sendo a maioria de sua população construída por pobres”.

Esse era o principal objetivo da Teologia da Libertação, como filha de seu contexto social brasileiro, como demonstra Matos (2003) ao falar sobre o contexto de surgimento da Teologia da Libertação nos tempos de Ditadura Militar no Brasil:

O povo é vítima de uma política que beneficia uns poucos privilegiados. Arrocho salarial e carestia marcam a realidade de amplos setores da população brasileira. Aumentam de forma assustadora o desemprego e a violência. A propaganda governamental procura entorpecer a consciência e abafar os protestos, reprimidos com brutalidade. A tortura de opositores torna-se uma prática corriqueira, atingindo até mesmo membros da Igreja, entre bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos, cujos nomes nunca podem ser apagados da memória histórica da nossa Comunidade de Fé. Essas pessoas deram um testemunho evangélico inequívoco: sem justiça não podemos falar de Reino de Deus, por ser a causa de Jesus diretamente relacionada com a construção de uma sociedade mais fraterna e solidária (MATOS, 2003, p. 197).

Conforme se observa, a Teologia da Libertação não separava a função social da Igreja Católica da parte espiritual, mas coloca de forma indissociável, associando, inclusive, a vida do Jesus Cristo da Igreja Católica em razão dos problemas sociais. Neste sentido, fé, religião e política não se separavam no sentido de existência para a Teologia da Libertação, como sendo a justiça social uma causa universal a ser alcançada pela política em razão da luta da Teologia da Libertação.

Além da injustiça social, outro elemento que compõe o surgimento da Teologia da Libertação, que não é menos importante que as causas sociais devido ao caráter espiritual como primazia, consistiu na passagem em que o autor menciona sobre a tortura contra padres da Igreja Católica. A esse respeito, o autor cita o caso do Frei Tito de Alencar (1945-1974) que fora torturado, quase chegando à loucura, de acordo com o autor, e tentou suicídio. Ainda preso, ele escreveu uma carta para o seu superior provincial, relatando da seguinte forma:

É preciso dizer que o que aconteceu comigo não é exceção, é regra. São raros os presos políticos brasileiros que não sofreram torturas... A esperança desses presos coloca-se na Igreja, única instituição brasileira fora do controle-estatal militar. Sua

missão é defender e promover a dignidade humana. Onde houver um homem sofrendo, é o Mestre quem sofre. [...] A Igreja não pode se omitir. [...] A Igreja existe como sinal e instrumento da justiça de Deus no mundo... (MATOS, 2003, p. 197-198).

O relato do padre, portanto, confirma a ideia de que o contexto propunha à Igreja sua missão política, mas de uma forma diferente do comum, uma missão política salvacionista contra as injustiças sociais e totalmente vinculada ao caráter espiritual, como uma missão profética no mundo terreno, em que o Deus e o Cristo do Cristianismo são postos como exemplo o tempo todo para dar base aos anseios e à essência da Teologia da Libertação. De acordo com o Padre Reinaldo, colaborador da nossa pesquisa,

todo agir teológico do Brasil está influenciado pela Teologia da Libertação, até no segmento conhecido como Neotradicionalismo, ele recebe influência porque a formação da Igreja no Brasil é uma formação que *tá* alicerçada na ideia da Teologia da Libertação, todavia, quando se fala na Teologia da Libertação se vem uma ideia até um pouco preconceituosa de tender a limitar a Teologia da Libertação no segmento dessa expressão teológica, foi o segmento já voltado para as práticas sociais, restritas e tiveram a tendência de transformar o evangelho em uma ideologia partidária, digamos assim, mas a Teologia da Libertação em si, ela vem dentro do horizonte do concílio do grupo dos pobres que buscavam refletir sobre a pobreza e gerar uma Igreja mais simples que fosse mais próxima do povo, então, dentro dessa perspectiva, nasce uma visão mais espiritual da Teologia da Libertação (REINALDO, 2022).

Portanto, de acordo com o entrevistado, a Teologia da Libertação influenciou todo o agir teológico no Brasil, corroborando também com a proposta da Igreja para os pobres, que atualizou a forma de ser da Igreja Católica no Brasil. A respeito da proposta da Teologia da libertação em relação à RCC, o sacerdote acredita que

a Teologia da Libertação tem essa preocupação de fazer uma Igreja mais próxima do evangelho, uma Igreja que fale mais aos carentes, mais da realidade humana diversa, mas aí tem que se ter o cuidado para que não diminuía o evangelho a simplesmente às questões sociais. Então quando a gente fala da RCC, a gente, na nossa região, vê uma expressão de oração, e não deixa de ser desencarnada, então quantos grupos da Renovação Carismática tratam atos à questão dos alcoólatras? Como também a questão de pessoas que estão dependentes de tantas coisas? O assistencialismo aos moradores de ruas? São atividades que são adotadas pela Renovação Carismática que têm seu viés nessa preocupação de igreja mais aberta às carências do mundo, então eu acho o que liga a Renovação Carismática à perspectiva da Teologia da Libertação é a preocupação com o evangelho, a preocupação com aquilo que Jesus pregou e ensinou, então assim, ser Igreja (REINALDO, 2022).

Conforme observado, o padre visualiza uma aproximação da RCC com a própria proposta da Teologia da Libertação, ao apontar o trabalho social desenvolvido também na RCC. Neste sentido, o padre critica a tentativa de opor um movimento a outro, justificando que

a Igreja peca quando se divide, então a fragmentação da igreja não é real, porque a Igreja também não é uniforme, ela é dinâmica, *tá* na história há dois mil anos, instituída por Cristo, então, ao longo da história ela vai assumindo faces que corresponde às necessidades do homem, que ela se comunica ao homem, comunica ao dado revelado ao ser humano. Então, quando a gente acha que uma parte da Igreja não é uma parte significativa, a gente deixa de ser Igreja, porque quer se tornar um grupo, um gueto, uma facção. Então quando a gente fala da unidade da Igreja no Nordeste, principalmente, não tem como compreender essa unidade sem levar em consideração o dado social, o dado religioso, o dado místico. Então, eu vejo que tem uma ligação coerente da Renovação como instituição da Igreja católica (REINALDO, 2022).

Neste sentido, o clérigo critica a ideia de oposição dentro da Igreja, mais precisamente sobre a questão colocada entre a RCC e a Teologia da Libertação. Desse modo, relativizando a oposição colocada pela bibliografia e compreendendo sobre o surgimento da RCC no mundo e no Brasil, partimos para compreensão da sua recepção em Alagoa Grande-PB.

Percebeu-se com o desenvolvimento deste capítulo que a RCC surgiu como um projeto de materialização de medidas propostas pelo Vaticano II, de modernização da Igreja e sua maior aproximação com as questões do mundo. No Brasil, este projeto proposto pelo Vaticano II desencadeou em dois movimentos distintos e por vezes colocados em antagonismo: a RCC e a Teologia da Libertação.

Entretanto, percebeu-se a partir de alguns autores, que esta oposição não pode ser vista como anulação de uma em relação à outra, mas apenas formatos diferentes de atuação da Igreja para ambos os movimentos, mas com o mesmo fim: aproximação da igreja com novos fiéis e fiéis afastados.

CAPÍTULO 2

A RECEPÇÃO DA RCC EM ALAGOA GRANDE E SUA CONSOLIDAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo principal analisar a recepção da RCC em Alagoa Grande pelas pessoas da cidade (moradores), membros da igreja e os percalços sofridos pelo grupo até a sua consolidação.

2.1. A recepção da Renovação Carismática Católica pelos moradores de Alagoa Grande

Segundo o colaborador Genes, a RCC chegou em Alagoa Grande em 1992, trazida por sua família em decorrência da busca pela cura de sua irmã, Girleide. De acordo com o entrevistado,

desde o início, e mesmo com a decisão de iniciar os louvores na São José⁸, em 1992, ninguém que participava tinha a compreensão que tudo aquilo fazia parte de um movimento mundial, que tinha chegado ao interior da Paraíba em circunstâncias tão dramáticas. No ano anterior, em 1991, na cidade de Areia⁹, já havia iniciado um grupo de oração carismático, sendo assim, minha mãe teve contato com Antônio Monteiro, coordenador daquele grupo, para que fosse realizado um encontro de oração lá em casa, a necessidade era de uma cura para a minha irmã que estava doente com suspeita de anemia profunda. Foram nestes encontros de oração e esperança de cura que envolveu os familiares e amigos próximos e desembocou numa nova célula carismática em Alagoa Grande (GENES, 2023).

Portanto, a RCC chegara em Alagoa Grande influenciada por um grupo carismático já em atividade na cidade vizinha, Areia/PB. A colaboradora Dna. Maria, mãe do entrevistado Genes, conheceu o movimento da RCC devido à doença de sua filha Girleide, que passou por vários médicos e nenhum conseguiu dar um diagnóstico. Sem esperança, Dna. Maria recorreu à sua fé, ao saber que na cidade vizinha possuía um grupo da RCC, dirigido por um rapaz conhecido como irmão Antônio, que tinha a fama de fazer uma “oração forte”. De acordo com a entrevistada

⁸ Capela São José, que em 2022 se tornou Paróquia São José.

⁹ Cidade vizinha a Alagoa Grande/PB.

quando chegou lá acertou com a casa dele (Irmão Antônio), bateu na porta e ele saiu, aí eu disse: “- Aqui é a casa do irmão Antônio Monteiro?”, ele disse: “- É. (Irmão Antônio). “- Sois o rapaz da carismática?” (Dna. Maria). “- Sou”. (Irmão Antônio). “- Eu vim em busca da carismática, em busca de uma oração que estou necessitando” (Dna. Maria). Ele disse: “- Tá certo, vamos entrar”. (Irmão Antônio). Eu disse: “- É uma filha, ela tá lá com problema, estou muito preocupada e quero uma oração mais forte, parece que a minha não tem mais força, e eu vim em busca de uma oração bem forte que justamente é com o senhor”. (Dna. Maria). Ele disse: “- Tá certo”. (Irmão Antônio). Ele pegou a Bíblia e fez o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, rezou a oração do Espírito Santo e disse: “- A sua filha está deitada em uma cama de solteiro, coberta com um lençolzinho branco de bolinha vermelha, mas eu já estou vendo ela se erguendo para se levantar”. (Irmão Antônio). Primeira vez que tinha visto ele [...] quando ele falou isso, me criou uma fé muito grande, pois ela estava realmente deitada na cama, coberta com este lençol de bolinha vermelha (Dna. MARIA, 2022).

Conforme percebido, a recepção da RCC em Alagoa Grande começa muito antes de chegar de fato na cidade, começa pela afirmação da colaboradora que seria em um futuro próximo quem levaria o movimento para a cidade de Alagoa Grande, começa pela aceitação e autoafirmação da colaboradora na fé de algo sobrenatural proporcionado por um movimento que, conforme destacou Genes, muitas pessoas não tinham sequer a noção que era parte de um contexto maior global de atualização da Igreja Católica e a RCC era resultado deste contexto.

Importante ainda relacionar o relato da colaboradora com a discussão da oposição feita entre a RCC e a Teologia da Libertação, correlacionando, inclusive, à entrevista do Padre Reinaldo, em que destacou o caráter social da RCC que a aproximava da Teologia da Libertação, fato este que marca a chegada da RCC em Alagoa Grande tendo como primeiro contato a questão social de cura de uma enferma que estava necessitada por meio da fé.

A recepção da RCC em Alagoa Grande, a partir do relato de Dna. Maria, se estenderia agora aos membros da sua família, ao dividir com sua família sua ligação agora com o Irmão Antônio e seu grupo carismático em Areia/PB. Neste sentido, a colaboradora relata a recepção da sua própria família:

Seu Geraldo (Cônjuge de Dna. Maria) teve uma revolta muito grande e disse que eu estava buscando coisas do macumbeiro lá para Areia e foi um problema, mas só que eu me sustentei e fiquei calma, e no outro dia veio uma cartinha, um bilhete¹⁰ que mandaram (Irmão Antônio que enviara) [...] dizendo que no domingo estava lá em casa para fazer uma oração. Aí eles ficaram tudo atarefado¹¹, não *sabia* quem era esse homem! Que eu *tava* “virando a cabeça”! *Tava* ficando louca! Genes dentro do

¹⁰ Ainda não havia celular nesta época, sequer internet. Então as pessoas se comunicavam enviando correspondências em papel para o endereço uma das outras.

¹¹ Raivosos, revoltados.

Jeová¹² em tempo de “comer” minha cabeça, chegava lá em casa reclamando e dizendo “coisa”¹³ (Dna. MARIA, 2022).

Conforme observado, a recepção dos primeiros moradores de Alagoa Grande, a família de Dna. Maria, foi marcada por preconceitos, associando a RCC ao termo pejorativo “macumba”¹⁴, demonizando a RCC a partir do distanciamento e estranhamento do desconhecido. Sobre a experiência na esfera espiritual que impulsionou o início da RCC em Alagoa Grande a colaboradora relata:

Quando foi no domingo ele (Irmão Antônio) chegou, eu forrei uma mesinha em uma banquinha lá no meu quarto com uma toalhinha e *butei* uma velinha. Quando ele chegou, aí se sentou, e eu convidei o povo e a casa já *tava* cheia de gente. E ele chegou e disse assim: “- Vá buscar a banquinha que a senhora forrou lá no quarto, com a velinha que a senhora colocou lá”. (Irmão Antônio). Aí foi quando todo mundo “caiu o queixo”, e ele sabia? Ele não tinha ido lá em casa [...], do lençol de bolinha ele falou e foi verdade, e da banquinha ele falou também dessa banquinha e foi verdade [...]. Ele disse: “- Olha a senhora é a mulher muito cheia de benção, muito felicitada de Deus, que a senhora vai receber uma grande vitória e a senhora vai ser animadora da Renovação Carismática AQUI, vai começar aqui na sua casa e vai longe (Dna. MARIA, 2022).

Conforme observado, a experiência impulsiona um processo histórico de recepção, em que a partir disso a própria recepção da família se modifica instantaneamente, conforme explica Dna. Maria:

Genes *tava* sentado na cama [...] observando. Chamei as vizinhas, [...] no outro dia, Lita foi na minha casa, ficou “doida” dizendo: “- Dona Maria, como é que a gente busca a fé?” (Lita). Aí eu disse: “- Vivendo!” (Dna. Maria). Muita gente se concentrou, muita gente chorou, foi uma oração tão forte como que a gente nunca viu, cantando aquele louvor: “Jesus me ama, meu irmão, Jesus te ama de todo coração...”. Ele (Irmão Antônio) ia passando a mão no povo, o povo “se desmanchando”¹⁵ e chora todo mundo e foi aquela coisa mais linda e Genes lá olhando¹⁶ mais Seu Geraldo (Cônjuge de Dna. Maria), e depois ficaram tudo em silêncio, ele terminou a oração e foi embora, e eu fiquei calada pensando como que eu ia começar essa oração, eu queria começar (Dna. MARIA, 2022).

¹² Testemunhas de Jeová. Em seguida Genes se converteu ao catolicismo e se tornou uma das lideranças da RCC em Alagoa Grande/PB.

¹³ Falando ofensas à busca de Dna. Maria pelo Movimento da RCC de Areia/PB.

¹⁴ Termo preconceituoso de demonização cristã às religiões de matrizes afro-brasileiras.

¹⁵ Com o nome técnico de “Repouso no Espírito Santo”, consiste no ato do indivíduo cair ao chão a partir de uma experiência pessoal.

¹⁶ Seu filho que era Testemunha de Jeová e se converteria logo após.

Conforme observado, a recepção que antes foi projetada em preconceitos por meio de palavras expressas, a partir desta experiência se converteu em uma aparente aceitação pelo espanto, agora sem nenhum tipo de palavra, somente o espanto.

Segundo a entrevistada, após o momento de oração que ocorrera em sua casa, a mesma ficou muito ansiosa para começar aqueles momentos de oração em Alagoa Grande, mesmo insegura e sem saber como seria e como faria, apenas com a vontade e o entusiasmo, se agarrando à uma profecia. A respeito dos primeiros encontros da RCC já em Alagoa Grande, a colaboradora descreve:

Aí pronto, fiz o primeiro encontro lá em casa, Genes ainda *tava* assim meio “de banda”¹⁷, aí as meninas vieram, a gente orou, a gente cantou, foi muito bom. Aí depois fui convidando o povo, fiquei convidando, convidando, até que formei uma grande tarde de oração na sala paroquial,¹⁸ até padre Magella participou (Dna. MARIA, 2022).

Conforme observado, este momento demarca o início da RCC em Alagoa Grande, apontando para os primeiros membros e as primeiras práticas, que iniciaram na casa de Dna. Maria e em seguida ganhou uma reunião na sala paroquial da igreja, liderada por Dna. Maria. O fator de experiência pessoal se apresenta como um dos elementos principais para a adesão da RCC em Alagoa Grande por parte dos primeiros membros, a começar pela experiência pessoal de Dna. Maria e da experiência vivenciada em sua casa na ocasião da mesinha de toalhinha branca.

Logo em seguida, pessoas se ajuntaram e deram início às primeiras reuniões, a partir dos convites de Dna. Maria para que as pessoas conhecessem a RCC por meio das reuniões já em atividade em sua casa. Uma das conversões que demarca este momento é a de seu filho Genes, fato que reforça a preponderância do elemento da experiência pessoal, conforme relata Dna. Maria:

E nessas alturas Genes já tinha ido lá em irmão Antônio. Ele disse: “- Eu vou conversar com aquele cara, se ele me conscientizar do que eu *tô* precisando eu vou ser carismático”. (Irmão Antônio). Aí foi e voltou “de cabeça feita”¹⁹, não foi mais para o Jeová e começamos a orar juntos (Dna. MARIA, 2022).

¹⁷ Desconfiado, mas já sem proferir as palavras que proferira no primeiro contato com a RCC do Irmão Antônio, apenas calado, mas desconfiado.

¹⁸ Espaço reservado na igreja para preparação da missa antes de começá-la, sala em que os membros se revestem com suas batinas e fazem as orações antes do início da missa.

¹⁹ Convicto.

Apesar da colaboradora não detalhar o que acontecera nesta conversa entre seu filho e Irmão Antônio, é possível pensar em algo de extrema relevância pessoal para Genes, uma vez que esta conversa o fez voltar convicto de sua mudança de crença. A colaboradora Dna. Maria, relata que ao iniciar os encontros de oração “a cidade antes via como uma coisa errada, de espiritismo, de macumba, como se fosse de outra religião.” (Dna. MARIA, 2022), parte dos moradores da cidade via aquele movimento com estranhamento, pois práticas como dançar ou tocar atabaque não eram comuns de se ver na rotina litúrgica da Igreja.

De acordo com o colaborador Genes “celebração ao som de atabaque, acompanhamento de palmas, movimentos com os braços, corpo, abraços e sorrisos espontâneos causaram medo e ficaram estarecidos com o que viam e ouviam” (GENES, 2023), confirmando, portanto, o estranhamento dos membros da Igreja à época.

Semelhantemente, a recepção de uma nova forma de rezar causou estranheza, pois expressões corporais e músicas de louvor não faziam parte dos rituais católicos, sobretudo em Alagoa Grande, que naquele período a Igreja tinha como função primária a contemplação, em que as expressões corporais permitidas eram apenas as de orar de pé, de joelhos (em alguns momentos das celebrações), e, principalmente, sem a presença de palmas e instrumentos musicais como atabaques e outros. Segundo a colaboradora Geusa,

a missa era aquele ritual rotino que a gente ia, mas na Renovação a gente sentiu uma dinâmica que era voltada mais para a gente, você se sentia parte da oração, você se sentia como se aquilo dali fosse para você, porque no ritual da missa, apesar de ser importante, não lhe mostra essa questão de você está inserida na celebração, você é somente participante, você acompanha, só (GEUSA, 2022).

Compreende-se, portanto, que o movimento surgiu com diferenças nos rituais das missas, permitindo ao servo uma aproximação maior com a oração a partir de outras experiências até então desconhecidas, o que se insere como um ponto de estranhamento, mas, sobretudo, ponto de virada para um movimento que viria a se consolidar na própria Igreja Católica mundial, brasileira e alagoa grandense.

A colaboradora ressalta ainda sobre a recepção da cidade para com o movimento, reafirmando o estranhamento daquelas pessoas com a nova forma de rezar:

Por um bom tempo, até as pessoas acostumarem, até as pessoas entenderem, [...] a gente foi alvo de muita crítica, de muito comentário na cidade, que *tavam* tocando zabumba na Igreja, que um grupo de macumba agora *tomaram* conta da Igreja. E,

assim, foi muito ruim a aceitação de um grupo, de uma parte da população. Um grupo ia para lá e gostavam e achavam animado, mas outro grupo criticava. Não foi um começo bom *pra* gente. Se a gente tivesse fixado nessas ideias que escutou teria desistido ali mesmo, mais a gente foi *simbora*, mas com muita crítica (GEUSA, 2022).

Conforme observado, houve resistência por parte dos moradores da cidade, porém os membros continuaram perseverantes pelo propósito que abraçaram, conforme destacou a entrevistada. De acordo com Genes,

as pessoas que tiveram contato com os primeiros momentos de oração carismática e que iniciaram no pequeno grupo de oração eram em sua maioria adolescentes, jovens e poucos adultos moradores da mesma rua e que já participavam na comunidade das celebrações religiosas (via-sacra, mês mariano, novena de natal etc), porém não tiveram barreiras para assumir a nova identidade católica com entusiasmo e muitas expectativas em relação a vivência da fé (GENES, 2023).

Desse modo, mesmo em meio a tantos preconceitos e a presença de certo medo, jovens da cidade se dispuseram a abraçar aquela nova forma de rezar e de ser católico, enfrentando os preconceitos e estranhamento em que a cidade recepcionou a RCC.

2.2. A recepção da Renovação Carismática Católica pela Igreja Católica de Alagoa Grande

Segundo o colaborador Genes, ainda em 1980 o pároco era o padre Cornélio Belo, período no qual já era presente a transição em que a Igreja vinha passando desde a década de 1960 com o Concílio Vaticano II:

As celebrações litúrgicas católicas em Alagoa Grande eram administradas até o final da década de 1980 pelo padre Cornélio Belo, sexagenário e que trazia consigo as transições que a Igreja tinha passado ao longo de todas as últimas décadas de 1960 com o Concílio Vaticano II. Havia nele uma expressão de respeito, seriedade e silêncio na participação durante as missas e nos encontros religiosos promovidos pela paróquia (GENES, 2023).

Conforme observado, em Alagoa Grande as práticas litúrgicas que se sobressaíam eram as práticas tradicionais da Igreja Católica. Neste sentido, Genes afirma em uma das suas falas que

neste período a concepção sobre os templos católicos é que eram locais de extrema contemplação, as expressões corporais permitidas eram coletivas e apenas aquelas orientadas pela própria liturgia, ora todos em pé, sentados ou de joelhos da mesma forma, o local de participar da celebração: lado esquerdo das mulheres e lado direito dos homens. Os hinos eram somente acompanhados por um órgão e apenas em missas solenes, pois, os serviços litúrgicos tinham apenas uma cantora para missas, um ministro de eucaristia e poucas catequistas. Em qualquer que fosse o momento a seriedade era a principal demonstração de respeito ao espaço religioso (GENES, 2023).

Conforme destacado pelo colaborador, as expressões corporais eram apenas de forma coletiva e em momentos específicos, tornando perceptível como o tradicionalismo católico era o formato que dominava a forma de expressar o respeito à liturgia, resultando em estranheza quando o movimento RCC se instalou na cidade e modificou esse formato, pois era algo novo que se instaurava. Segundo o colaborador, após o falecimento de padre Cornélio Belo outros padres mais jovens em faixa etária assumiram a paróquia, dando espaço a concepções mais progressistas a partir da formação destes novos padres. Segundo o colaborador,

após a morte do sacerdote em 1989 e a sua substituição nos anos seguintes por padres mais novos (um belga e outro de Minas Gerais entre 1990 e 1991) e de uma outra formação religiosa iniciou um processo de transformações principalmente com a nomeação do padre Geraldo Magella como pároco de Alagoa Grande. Sua atuação ocorreu dentro da linha progressista da Igreja Católica com as Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação (GENES, 2023).

Conforme observado, o padre Geraldo Magella atuava na linha progressista da Igreja Católica, em que se encontra como vimos hoje: um espaço aberto para as novas vivências de fé, propostas pelo Concílio Vaticano II e pela Teologia da Libertação, em servir através da ação, elementos estes incorporados na concepção do novo pároco. Segundo a colaboradora Dna. Maria, agarrada em uma profecia que recebera do Irmão Antônio, Dna. Maria procurou então o padre Magella para dar início aos encontros, a partir do aval do novo pároco. Conforme relata Dna. Maria,

fiquei logo ociosa para começar, aí fui lá no padre Magella e pedi para que o padre Magella me desse uma explicação, aí ele disse: “- Comece, a senhora é uma fina intercessora, a senhora vai conseguir” (Padre Magella). “Como é que eu faço, padre? Primeiro encontro?” (Dna. Maria). Aí ele disse: “- O primeiro encontro a senhora faz na sua casa, segundo puxa aqui para a matriz, faça aí na sacristia” (Padre Magella). A gente começou a chamar as pessoas e fizemos esse encontro lá na paróquia, e depois eu passei lá na capelinha e vi a capelinha fechada, *tava* dando muita gente lá em casa, era muita gente. Aí eu corri e fui na casa paroquial, aí eu falei: “- Padre

Magella, a igreja São José tá fechada, que tal eu me reunir lá?” (Dna. Maria). Ele disse: “- Pode, Dna. Maria, pode ir, peça a chave a Doraci e comece a se reunir lá” (Padre Magella). A gente foi abrir a capelinha, ai *fumo* fazer limpeza, *pia a ruma* (mostrando que era uma grande quantidade) de *bosta*²⁰ de morcego nas portas, e a gente fez limpeza na capelinha e *fumo* se reunir lá, *levamo* uma bíblia bem grande assim, que a gente só tinha essa bíblia grande [...] (Dna. MARIA, 2022).

Conforme observado, a capela São José foi o lugar oportuno para começar os encontros, a partir do apoio do padre para a realização dos momentos de oração. Porém, a colaboradora ressalta ao iniciar os momentos na capela que ocorreram barreiras, devido à má recepção da comunidade, conforme discutido no subcapítulo anterior, onde estava situada a capela São José, bem como de alguns representantes que serviam à Igreja, que tentaram impedir a realização dos encontros. Conforme explica Dna. Maria,

com pouco tempo a gente conseguiu um atabaque, e Geraldo tocava o atabaque e a gente não tinha violão, a gente cantava e a Igreja começou a encher de gente e, lá em cima começaram se levantar (contra), fecharam a Igreja, para a gente não entrar. [Confidencial]²¹, [Confidencial] aquele povo dali (das proximidades da capelinha) um bocado de gente por ali. Ai quando *chegamo* lá fui buscar a chave, [Confidencial] disse: “- Não, minha *fia*, por ordem da comunidade, foi mais de *sei quantas pessoas*²² me falaram que não era para dar a chave à senhora. Vocês não podem se reunir” ([Confidencial]). Porque a gente usava, batia atabaque, a gente cantava, a gente dançava, a gente gritava. E eles não queriam, acharam estranho (Dna. MARIA, 2022).

Conforme demonstrado, apesar da boa recepção do novo padre, Magella, a sociedade local continuava com a má aceitação, a partir do estranhamento e do medo de práticas tão diferentes das tradicionais da Igreja Católica, conforme demonstrado pelos episódios de repressão, vendo aquela nova forma de orar como uma blasfêmia para a Igreja. Neste sentido, o colaborador Genes ressalta:

No entanto, os confrontos se deram num primeiro momento muito mais com a vizinhança da capela e ao longo dos anos com os paroquianos mais tradicionais que carregavam ainda as posturas e valores do antigo sacerdote. Celebração ao som de atabaque, acompanhamento de palmas, movimentos com os braços, corpo, abraços e sorrisos espontâneos causaram pânico, medo e ficaram estarecidos com o que viam e ouviam (GENES, 2023).

²⁰ Coliformes fecais.

²¹ Termo encontrasse em confidencialidade em razão de expor terceira;

²² Colaboradora se referiu a muitas pessoas.

Percebe-se, portanto, uma clara divisão entre os paroquianos mais antigos e os mais jovens, em que, para os primeiros, a recepção foi de estranheza e repulsa, devido à presença de práticas que não eram presentes nos rituais da Igreja, causando medo e embate para com a nova forma de rezar que se instalava na Igreja, mediante as alterações necessárias que o Vaticano II jugou ser importantes para uma modernização da Igreja; e, para os segundos, o desafio de consolidar o novo.

Segundo Dna. Maria, quando ocorreram o episódio de tentativa de impedir que continuassem ocorrendo aqueles encontros, fez-se necessário a intervenção do padre para trazer esclarecimentos sobre o que era a Renovação Carismática, pois era algo desconhecido pelos confrontadores, que consideravam blasfêmia aquela nova forma de rezar. Segundo a colaboradora:

Aí eu desço, vou falar com padre Magella, padre Magella foi de imediato em Doraci: “- Me dê a chave, eu sou o padre, você manda na chave e eu mando na Igreja” (Padre Magella). Abriu e a gente se reuniu lá. Quando foi na outra semana ele foi e convidou a comunidade todinha e fez uma missa falando da renovação e o pessoal tudo de cabeça baixa, aceitaram *entre aspás* não fecharam mais a Igreja, mas quando via a gente saía na carreira (Dna. MARIA, 2022).

Conforme exposto, a aceitação para com aquelas novas forma de rezar não foi favorável ao grupo, mesmo com o padre autorizando para que se reunissem e após feita a intervenção necessária para explicação sobre o que era a RCC, ainda assim a sociedade local mais tradicional não aceitou, apenas parou de confrontar diretamente, confrontando agora indiretamente, no campo simbólico a partir dos preconceitos e da não aceitação.

A colaboradora Dna. Maria compreendia o acolhimento do padre Magella como uma forma muito significativa de se demonstrar apoio: “o primeiro padre que *colheu* foi o padre Magella, os outros não davam importância [...] tinham, aliás, temos uma espiritualidade muito forte, que a Igreja não tinha” (Dna. MARIA, 2022), ressaltando a entrevistada que a RCC rompeu com as formas de se praticar a fé católica.

Todavia, mesmo com a presença de padres mais progressista, como o padre Magella, através da fala das colaboradoras percebemos que não houve uma recepção de forma total, aceitando todas as práticas por parte da Igreja, existindo ainda imposições a respeito de algumas práticas que a RCC trazia consigo. Segundo a colaboradora Geusa, os padres da época eram padre Magella, padre Rui Braga e também padre Flori. A entrevistada afirma que não ocorreu um acolhimento de forma total da proposta do movimento:

No momento a gente conversou com eles, mas a gente não sentiu não aquela acolhida, primeiro ele conversou com a gente, ele recebeu, ele disse que conhecia o movimento, que era um movimento bom, interessante, mas tinha umas coisas que ele restringiu. A gente não podia usar a língua dos anjos, ele disse: “- Vocês podem fazer outro qualquer tipo de coisa, mas a língua dos anjos, vocês não podem fazer porque é uma coisa que a gente não conhece bem, então eu não sou favorável”. Então ele colocou essa restrição e a gente não achou uma acolhida na totalidade, não (GEUSA, 2022).

Conforme observado, diante das restrições, como impor para não “usar a língua dos anjos” já foi a primeira forma de inibir as práticas da RCC, pondo um limite entre as práticas da Igreja e da RCC, o que se insere enquanto uma aceitação controlada, domesticada.

O colaborador padre Rui confirma em sua fala o que Geusa expõe referente às restrições, porém ele ressalta direcionando para a comunidade, os servos: “Quando me ordenei assumi Alagoa grande como pároco. Lá encontrei vários movimentos religiosos, inclusive a RCC, que sempre colaborou com a paróquia. O povo aceitava com algumas restrições” (RUI, 2022), trazendo uma responsabilidade para que tivesse ocorrido as restrições por causa do “povo”, transferindo, portanto, certa culpa. Neste mesmo contexto, a colaboradora Dna. Maria ressalta mais episódios de repulsa por parte de alguns representantes da Igreja:

O padre Magella sempre dando cobertura. Aí pronto, continuamos assim e foi muita coisa, não só da capelinha São José, como daqui também (matriz), ainda bem dizer com tantos anos da renovação o padre [confidencial] quase me colocava *pra* fora. O padre [confidencial] acolhia *entre aspás*, também não dava muita abertura também não, não dava espaço para a gente se reunir na Igreja, não dava espaço *pra* gente fazer nada. Não proibia, mas também, assim, não abria mão, não ajudava. Então foi esse tempo todinho de sufoco, de muita perseguição, assim, de muita rejeição, e depois a gente colocou Genes animando, animando, depois a gente inventou uma eleição e colocamos Genes como coordenador (DNA. MARIA, 2022).

Como demonstra Dna. Maria, foi um caminho de muitas barreiras e preconceitos a serem quebrados, até mesmo por parte de alguns representantes da Igreja, pois não ocorreu um acolhimento e inclusão do grupo na programação litúrgica da paróquia, apesar do padre Magella sempre ter apoiado. Dna. Maria ressalta também que o grupo passou por perseguições por parte dos membros da igreja, que chegaram a afastar o grupo do ministério da Eucaristia e dos eventos da comunidade,

disseram muita blasfêmia contra a gente, foram dizer ao padre Rui que estávamos falando de Nossa senhora, *tava* blasfemando contra Nossa Senhora, foi tanta coisa.

O padre [confidencial] afastou, ele recebeu uma carta *desse tamanho* (grande) não sei de quem, me chamou e leu essa carta todinha, dizendo que a gente era exploradores [...]. Ai eu disse a ele: “- Tá vendo, essa carta *tá* entrando no meu ouvido e saindo no outro, porque sabe *quantos* temor, *quantos* medo, quanta angústia eu vou ter disso? Nenhuma, porque quem não deve não teme, padre. Eu vou mostrar *pra* o senhor que isso aí nunca aconteceu” (Dna Maria). Outro dia ele veio celebrar e falou: “- Que umas pessoas, que por pouco entendimento, por conversa de A e mais B *tinha* prejudicado essas pessoas, mas estava feliz porque essas pessoas de lá da Igreja nunca saíram, viviam na mesma, em continuidade do seu movimento, do seu grupo”. O padre só não fez dizer o nome da gente, tá? Entende? (Dna. MARIA, 2022).

Como explicitado, a recepção da RCC em Alagoa Grande foi arriegada de preconceitos, medo e perseguições, mas também de perseverança e de querer manter aquele compromisso que tanto almejaram, os membros, ao ter experiências pessoais. O colaborador padre Rui em uma de suas falas expôs: “O que penso da RCC é o que ouvi de D. Marcelo ‘toda expressão de Igreja deve ser acolhida’” (RUI, 2022), acolhimento este confrontado pelas colaboradoras de acordo com os relatos. A colaboradora Dna. Maria narra outra situação:

Outra vez a gente *começamo*, *tava* até melhorzinho (a aceitação), a gente foi fazer o culto da oração e pronto, a gente começou a orar, oração forte e começou a gente colocando a mão na cabeça das pessoas e as pessoas caíndo (repouso no Espírito Santo), aí correu todo mundo, aí pronto, ficaram tudo com medo de novo. O primeiro padre que colheu foi o padre Magela, os outros não davam importância [...] tinham, aliás, temos uma espiritualidade muito forte, que a Igreja não tinha. O povo da Igreja na hora da paz ninguém queria dar a gente. Não batiam palma na missa, a gente começou a bater palma, começaram a se estranhar, *começamo* a abraçar, ninguém queria se abraçar, quando a gente ia abraçar a pessoa, a pessoa dava as costas, tudo isso na Igreja.

Portanto, uma não aceitação da sociedade local, por estar esta dentro da igreja, transferiu esta não aceitação para parte do Clero, que, conforme relatado, dos três párocos apenas um demonstrou apoio e aceitação.

2.3. A consolidação da Renovação Carismática Católica em Alagoa Grande

Outro elemento importante na fala de Dna. Maria é o potencial de algo novo que a RCC propunha, ao relatar a entrevistada que não sabia como era conversa com Deus:

Aí ele (Irmão Antônio) foi, colocou a mão na minha cabeça e rezou e disse assim: “- Quarta feira a senhora fique em oração que eu vou orar para ela de novo, a

senhora ora lá e eu oro aqui”. (Irmão Antônio). [...] Em minha casa tinha um batente na entrada da cozinha, e eu fiquei naquele batente sentada e comecei a orar, eu nem sabia como orar, ai eu comecei rezando, eu só sabia rezar, não sabia conversar com Jesus. Mas ele (Irmão Antônio) ensinou, ele disse: “- A senhora converse com Jesus, diga o que *tá* precisando, diga que quer uma benção, que quer uma cura, diga que nosso Senhor perdoe a sua filha e a senhora, e a senhora fica nessa oração e converse com Jesus” (Irmão Antônio) (Dna. MARIA, 2022).

Como se pode observar, a fala da entrevistada demarca uma ruptura nas práticas católicas tradicionais em relação aos novos elementos incorporados pela RCC, como o ato de conversar com Deus, em que a entrevistada afirma que só sabia rezar, demarcando as rezas tradicionais aprendidas no processo de catequização dos indivíduos desde a infância, como a do Pai Nosso, da Ave Maria, do Credo, dentre outras.

Neste sentido, a ideia de conversar com Deus foi uma prática nova inserida pela RCC que demarcou uma ruptura para as pessoas que não conheciam este novo formato de se relacionar com Deus. A partir destas mudanças, a colaboradora Dna. Maria acredita que os servos passaram a entender a proposta do grupo, após participarem de eventos em outras cidades que esclareciam estas novas práticas:

Começaram os encontros lá fora (outras cidades) e o povo ia encontrava as mesmas coisas que tinha aqui e ia fazer uma oração lá fora, e encontrava a mesma coisa que tinha aqui e assim foram se habituando, hoje em dia tá mais razoável, mas ainda não tá do jeito que era para ser, a Igreja era pra ser muito mais do que é (Dna. MARIA, 2022).

Segundo a colaboradora Geusa, com o passar dos anos o grupo foi ganhando uma “credibilidade”, a partir destes eventos e de momentos formativos em outros espaços:

Agora houve um crescimento muito grande, porque a partir desses encontros que a gente tinha, da forma que a gente achava que era, aí a gente passou a ter uma formação, passou a buscar encontros regionais, encontros na diocese, encontros em outras cidades, a comprar materiais para a questão de leituras, então o público que criticava passou a ter uma credibilidade, passou a ter uma confiança, passou a se sentir bem, estando lá, então a gente adquiriu uma credibilidade muito grande ao povo e adquiriu também um segurança, porque a gente foi atrás de uma formação que a gente não tinha inicialmente, a gente iniciou porque a gente gostou, porque se identificou com a dinâmica e proposta que a Renovação trazia, mas a gente não tinha nada de formado, nada formação, da estrutura propriamente dita. Mas a gente não ficou só no que a gente achava, no que a gente gostou, a gente foi atrás de formação (GEUSA, 2022).

Neste sentido, não somente os membros que por muito tempo rejeitaram a RCC, mas os próprios precursores da RCC em Alagoa Grande foram desenvolvendo-se em capacitação e formação, para assim passarem a entender melhor o que era o movimento, pois no início iniciaram sem muito conhecimento, muito mais pela fé e pela admiração, em razão daquele encontro realizado na casa de Dna. Maria e da pessoa do irmão Antônio pela busca de cura para uma enfermidade.

A colaboradora Geusa destaca que, enfim, se sentiram pertencentes do movimento quando não tiveram mais medo de fazer o que achava que era pertinente de ser praticado, não reprimindo o que tinham, acreditavam e viam como uma nova forma de se rezar:

Quando a gente passou a confiar na oração e entender que foi criada lá pelo Papa João VI²³ no Concílio de 64, quando a gente passou a entender a história da Renovação e que não aceitava mais restrições por questões pessoais ou questões de ter uma fé de forma diferente, então a gente passou a usar a Renovação, os encontros da forma que a gente achava que ela era estruturada. Então quando a gente passou a acreditar e passar para as pessoas a nossa credibilidade com relação a oração e com relação a canção, a gente passou a ter mais credibilidade dos outros padres que viram que a gente já *tava* bem mais estruturados e também do povo (GEUSA, 2022).

Como exposto, percebemos que através da própria aceitação e do embate às opiniões e restrições que quiseram impor, os membros do grupo RCC-Cristo Vida em Alagoa Grande, através dessa nova forma de se enxergar e entender o real sentido do movimento da RCC, ocorreu a legitimação do grupo na cidade e na paróquia, como também, o reconhecimento da sua importância para os fiéis se sentirem pertencentes.

Neste sentido, a colaboradora Geusa acredita que a RCC aproximou mais servos para a Igreja em Alagoa Grande, pois antes não possuíam a vontade de estar na Igreja. E a RCC chegou com um novo dinamismo:

Trouxe primeiramente mais pessoas, porque a gente percebia que muitas pessoas, elas não tinham mais essa vontade de ir para a Igreja, e a gente começou, os bancos da Igreja a se encherem, então a gente começa que a Renovação [...] como se ela fosse um avivamento para a fé das pessoas, não é que elas não tinham fé, elas tinham fé, mas precisavam que algo fosse *estigado*²⁴, que algo fosse balançado, para que ela percebesse que a fé dela precisava ser viva, ser intensa. E a Renovação trouxe isso para as pessoas, é tanto que os encontros da Renovação são muitos cheios de fé, de dinamismo, é uma estrutura toda montada para receber um povo,

²³ Houve um equívoco por parte da colaboradora, o Papa da época foi Paulo VI.

²⁴ Estimulado, incentivado.

que ele já sabe o que vai encontrar lá, então a Renovação trouxe esse novo olhar de fé, esse novo olhar de ter uma forma de rezar diferente, mais dinâmica. Inclusive é muito bom para criança, porque é uma oração que ela é movimentada, tem na sua estrutura coisa de se mexer, de sair do lugar, de ficar perto do outro, então isso trouxe a nova dinâmica de rezar e as pessoas gostaram disso (GEUSA, 2022).

A RCC, conforme observado, veio como uma nova forma de reavivar a fé dos servos, fazendo com que estes se sentissem mais íntimos e próximos através da oração. Importante salientar que durante esses 30 anos de caminhada do grupo, Genes ressalta que

a Igreja de hoje incorporou em sua liturgia, nos grupos, pastorais e movimentos o “jeito” da Renovação Carismática, de fato, já não é tão fácil identificar quais grupos pertencem a RCC pois, as canções e orações quase que se tornaram homogêneas dentro da paróquia. Em cada momento de encontros religiosos de jovens, casais ou que agregam multidões é comum percebermos a oração com o corpo, levantar as mãos, se movimentar ao som de instrumentos, fazer orações com os olhos fechados, convocar as pessoas para uma oração mais espontânea, a leitura orante da Bíblia, a devoção mariana e a oração constante do terço são sinais visíveis que o comportamento religioso passou por mudanças profundas e hoje são incorporados a participação dos fiéis nas celebrações (GENES, 2023).

Conforme destacado pelo colaborador, hoje é visível a nova forma de rezar na Igreja, diretamente influenciada pela RCC, através de uma oração mais espontânea, na qual antes não existia, pois sempre tinha que seguir todo o ritual tradicional do templo católico, formato esse rompido pela RCC. Genes acredita ainda que ocorreu um envolvimento maior de vários sacerdotes para que ocorresse essa consolidação, pois através das músicas, por exemplo, as pessoas entendiam e viam que aquela maneira de rezar também era válida. Conforme Genes ressalta:

Tudo isso também se deve as investidas de vários sacerdotes e músicos expoentes da Renovação Carismática no Brasil que potencializaram ainda mais a “propaganda carismática” a exemplo do que aconteceu em 1997 com o início da transmissão da primeira TV católica carismática em Cachoeira Paulista, a TV Canção Nova, fundada pelo padre Jonas Abib que também foi o fundador da Renovação Carismática no Brasil e em 1998 o lançamento do CD do Padre Marcelo Rossi, também carismático, com músicas para grupo de oração, acompanhadas de coreografia e animação. Foi neste período também que o grupo Cristo Vida teve seus “anos áureos” de intensa participação de muitas pessoas, de integração na liturgia da Igreja Matriz e na realização do primeiro grande “Cenáculo com Maria”, da participação nas missas solenes e mais tarde integrar totalmente o calendário litúrgico da Paróquia (GENES, 2023).

Ocorrendo, assim, uma legitimação do movimento em Alagoa Grande, que por 30 anos vinha buscando sempre vencer as barreiras que surgiam, com um processo de legitimação que dialogava também com o que acontecia no Brasil, a partir das manifestações artísticas apresentadas pelo colaborador. Genes afirma também que o movimento teve e tem sua importância na história da paróquia, porém acredita que precisa repensar e revisitar o seu carisma:

Acredito que ao celebrar 30 anos de existência se faz necessário um novo redesenho para o grupo de oração, novos ventos precisam soprar para que o grupo perceba a sua importância na história da paróquia. Da mesma forma que celebrar esses trinta anos é testemunhar a perseverança e dizer que a caminhada é longa e os adolescentes e jovens de hoje se transformaram em adultos, os adultos estão na terceira idade e alguns já não estão mais conosco. Olhar para trás nos enche de compreensão das maravilhas que o Senhor fez em cada um e cada uma e ser Cristo Vida é colher tudo aquilo que foi cantado, vivenciado e semeado (GENES, 2023).

Concordando com Genes, o colaborador padre Reinaldo reforça sobre a importância da RCC na Igreja, mas a necessidade de um reavivamento enquanto Igreja:

Vejo a Renovação como um grupo muito importante para a Igreja, que deve ser motivado, apoiado e acolhido. Os pontos fortes é a capacidade de comunicar-se com as diversas faixas etárias de modo particular com [inaudível] que vem sendo tão abalada pelas diversas dificuldades do tempo, como a violência, as drogas e tantas outras coisas, mas também eu vejo que a Renovação parece caminhar cansada. Naturalmente tudo tem seu auge, mas tudo tem seu declínio, em alguns segmentos se nós voltamos no próprio andar, no caminhar, nas paróquias da diocese nós vamos ver que grupos da Renovação que antes eram muitos pujantes, muitos fortes, atraíam muitas pessoas, hoje já não tem a força que tinha. Então também como Renovação, ela precisa se repensar, porque se a gente fixa em um jeito, fixa um discurso, a gente não acompanha o ser humano e fica para trás. Então eu acho que a Renovação precisa passar por esse processo de revisitar o seu carisma. Então, na minha perspectiva, é essa, ela é muito positiva, deve ser apoiada e também deve ser Igreja. A Renovação não pode se entender como uma igreja paralela, um membro paralelo da Igreja ou até mais nobre do que os diversos, mas ela deve se entender dentro da Igreja, ela e os outros grupos devem se entender na cumula da Igreja. (REINALDO, 2022).

Desta feita, segundo os colaboradores, a Renovação age de formas significativas nas ações da Igreja, sejam essas ações pela fé ou pela ação. Segundo padre Reinado, os grupos devem se sentir partes da Igreja e não paralelas, o que remonta para a importância que a RCC tomou para a Igreja Católica, o que indica o processo de aceitação das localidades mais difíceis, como Alagoa Grande.

Portanto, a RCC passou por vários momentos de não aceitação, e foi ganhando espaço durante todos esses anos, segundo dna. Maria: “O padre que *tô* achando que *tá* apoiando aqui, é o padre Reinaldo, ele ficou admiradíssimo com a oração, adoração da gente, essa semana ele agradeceu, disse: ‘- Obrigado por me ensinar a rezar’” (Dna. MARIA, 2022), demonstrando orgulho de toda a trajetória percorrida pelo grupo na cidade de Alagoa Grande. Por fim, a colaboradora Emelyne Duarte destaca sobre o acolhimento dos padres ao decorrer dos anos até os dias de hoje:

Diante de todo um processo que o grupo precisou vivenciar ao longo dessa caminhada, eu não lembro o ano, mas pela minha visão eu acredito que foi a partir de pe. Miguel, pe. Arimateia que o grupo passou a ser mais acolhido, mas aceitado, porque antes tinha os louvores separados na capela e nos dias que tinham ou não missa, e só assumia um dia só na missa durante um mês, geralmente era no domingo e pronto, mas quando estes padres chegaram eles acolheram a dinâmica, eles acolheram a forma de cantar, forma de louvar e começaram a integrar mais na Igreja, nos eventos, nos louvores, chamar a população de uma forma geral para se integrada de forma uniforme, principalmente agora com pe. Reinaldo em pleno 2022, 2023 depois de tanta coisa passada a gente nota um carinho um acolhimento que dar mais vontade de servir, no chamado para as missas, louvores, para assumir em comunidades, então o grupo passou a não caminha de forma separada, como algo separado da Igreja, pelo contrário, ele se uniu, o acolhimento foi totalmente importante para esse processo acontecer, ele tá bem mais integrado, ele tá bem mais unido, como a Igreja deve ser, servindo a um único Deus, mas independente que cada um tenha sua forma diferente de se expor ou de manifestar, mas o serviço é um só, a uma Igreja só e acho que isso é extremamente importante (EMELYNE, 2023).

Conforme observado, percebemos que o grupo, apesar de ter 30 anos de caminhada, só teve uma recepção, de fato, a partir de anos passados, fazendo com que os membros do grupo se sentissem acolhidos e pertencentes da paróquia. Neste sentido, a consolidação do movimento em Alagoa Grande foi se dando a partir da insistência dos membros e da percepção dos servos que foi se abrindo para o novo, mas também de um movimento maior de afirmação por parte da grande indústria musical e artística, que favoreceu a consolidação do movimento.

A partir do presente capítulo foi possível perceber todo o processo de recepção, evolução e consolidação da RCC em Alagoa Grande, como as perseguições enfrentadas e as formas preconceituosas de representação projetadas sobre o grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo analisar a recepção e consolidação da RCC em Alagoa Grande, no recorte proposto entre 1992 e 2022. Neste sentido, consideramos que o objetivo foi alcançado a partir dos dois capítulos apresentados.

A partir do primeiro capítulo se percebeu o surgimento da RCC no mundo a partir da década de 1960, associado às novas demandas sociais e do mundo que a Igreja queria se inserir, se atualizar. Neste contexto, a RCC surgiria materializando este novo período e proposta da Igreja Católica.

Sua chegada no Brasil se confunde na bibliografia sobre o tema com o surgimento da Teologia da Libertação. Neste sentido, relativizando esta associação percebemos que não há oposição, mas a coexistência de dois movimentos que materializavam esta nova proposta de atualização da Igreja Católica, sendo a Teologia da Libertação um movimento particular do Brasil, diferente da RCC, que surgiu no mundo inteiro.

Nestes aspectos, os dois movimentos demarcaram uma atualização no formato e na atuação da Igreja Católica no Brasil. Entretanto, os conflitos apresentaram-se sempre no surgimento do movimento, bem como na sua recepção no Brasil.

Neste sentido, o segundo capítulo apresentou a recepção e consolidação da RCC em Alagoa Grande, que ocorreu de forma problemática e com conflitos desgastantes, que demarcou uma grande dificuldade de aceitação, demarcada por medo, preconceitos e perseguições, seja da sociedade local, seja de parte do Clero. Portanto, apesar de percalços extremos, a RCC se consolidou na cidade, muito influenciada pela grande mídia e de movimentos de esclarecimento promovidos pela própria Igreja Católica.

Por fim, a experiência como pesquisadora foi enriquecedora, pois pude estar próxima e ouvir de perto percepções de mundo pela visão dos colaboradores, contribuindo para o meu crescimento pessoal e acadêmico depois do referido estudo, pois através das entrevistas foram expostas vivências e situações que se não fosse a partir destas entrevistas o público não teria conhecimento.

Foram conhecidas as situações de conflitos e, ao longo do tempo, de legitimação e reconhecimento de tal movimento, que surgiu por influência do concílio Vaticano II, com

propostas de modernização. Acredito que este trabalho contribuiu e trouxe uma temática nova para a historiografia local sobre Alagoa Grande, a partir da pesquisa de recepção da RCC em uma cidade de interior da Paraíba.

Pretendo continuar com esta pesquisa em nível de Mestrado, aprofundando sobre o Concílio do Vaticano II, trazendo a visão dos padres da época e, a partir de então, aprofundar mais o capítulo dois em uma pesquisa mais ampla, explorando a questão das críticas que eram presentes, na perspectiva das resistências, é neste fio condutor que pretendo aprofundar as questões em níveis de Mestrado.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

- ALBERIGO, G.; JOSSUA, J.-P. *La Reception de Vatican II*. Paris: Éd. du Cerf, 1985.
- ANDRADE, Solange Ramos de. *O catolicismo popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980)*. Maringá: Eduem, 2012.
- BOFF, Leonardo. *Eclesiogênese: A reinvenção da Igreja*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. (Org.) *Novas comunidades católicas: Em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, [1980] 2014.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- LENZ, Matias Martinho. O Concílio Vaticano II: A presença da Igreja no mundo em espírito de serviço, em especial aos mais pobres. In: *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v.4, n.2, 2012.
- MASSARÃO, Leila Maria. Combates no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações. In: *Revista Aulas*, n.4, 2007.
- MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil – Tomo 3: Período republicano e atualidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- RIBEIRO, Antônio Lopes. Uma tipologia do pentecostalismo católico: A RCC em ondas. In: *Fragmentos de cultura*, Goiânia, v.21, n.4/6, 2011.
- SCHERER, Karine Pagliosa. *A Renovação Carismática Católica na condição Pós-Moderna e na Hipermodernidade. As características dos seus sujeitos ante as novas tendências dos tempos atuais*. São Paulo: PUC, 2013.
- SOARES, C. G. *Teologia da Libertação no Brasil: Aspecto de uma crítica política-teológica à sociedade capitalista*. Dissertação de Mestrado Sociologia. Campinas, UNICAMP, 2000.
- TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: Ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF, 2008.
- TURNER, Victor. *O processo ritual: Estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- URKEVICS, Vera Irene. Renovação Carismática Católica: Reencantamento do Mundo. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n.40, 2004.
- VILLALOBOS, Jorge Ulises Guerra; ROSSATO, Geovanio. A Comissão Pastoral da Terra (CPT): Notas da sua atuação no estado do Paraná. In: *Boletim de Geografia*, Maringá, v.14, n.1, 1996.

Digitais

ALAGOA GRANDE, Site oficial. *História*. Disponível em:
< <https://www.alagoagrande.pb.gov.br/historia/>> Acesso em: 15 fev. 2023.

ARQUIDIOCESE, Arquidiocese da Paraíba. *Presbíteros Residentes*. Disponível em: <
<https://arquidiocesepb.org.br/presbiteros-residentes/>> Acesso em: 15 fev. 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades e estados - PB: Alagoa Grande*. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/alagoa-grande.html>> Acesso em: 15 fev. 2023.

RCC, Renovação Carismática Católica no Brasil. *História da RCC no Brasil*. Disponível em:
< www.rccbrasil.org.br > Acesso em: 03 jan. 2023.

ANEXOS

ANEXO A – Fotografias do grupo Cristo Vida

Figura 2 – Capela São José e atual paróquia São José, onde iniciaram as reuniões na Igreja



Fonte: Arquivo pessoal de Genes (2022)

Figura 3 - Primeiros membros do grupo na década de 1990



Fonte: Arquivo pessoal de Genes (2022)

Figura 4 - Primeira década



Fonte: Arquivo pessoal de Genes (2022)

Figura 5 - 4 anos de atividades



Fonte: Arquivo pessoal de Genes (2022)

Figura 6 - Foto mais recente, consolidação do grupo



Fonte: Arquivo pessoal de Genes (2022)

Figura 7 - Foto atual, de 2022, festa de 30 anos do grupo Cristo Vida



Fonte: Arquivo pessoal de Genes (2022)